

Banco vai endurecer ou negociar

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A decisão do Citibank, de aumentar suas reservas em US\$ 3 bilhões para precaver-se contra perdas na sua carteira de empréstimos internacionais feitos a grandes devedores, como a Argentina, o Brasil e o México, tem duas interpretações na área econômica: uma considerada pessimista e outra otimista.

Na visão pessimista, que muitos técnicos familiarizados com as negociações externas chamam de realista, com a medida, o principal credor brasileiro entre os bancos privados adquiriu o cacife para endurecer durante as próximas negociações, exigindo, por exemplo, que, além de um programa econômico consistente e confiável, o governo brasileiro submetesse a economia ao monitoramento do Fundo Monetário Internacional — FMI.

A leitura otimista adverte que a

provisão dos US\$ 3 bilhões para cobrir eventuais prejuízos abre espaço para o Citibank negociar com o governo brasileiro a conversão de créditos financeiros em capital de risco, um dos pontos basilares da proposta de renegociação que o ministro da Fazenda, Bresser Pereira, submeterá aos credores nas próximas cinco semanas.

COOPERAÇÃO

Os defensores da visão otimista lembram dois fatos: primeiro, se fosse intenção do Citibank confrontar com o governo, simplesmente teria fechado as linhas de crédito de curto prazo, comerciais e interbancárias, assumindo as consequências do congelamento do seu valor à conta do Banco Central, no exterior, sem render juros.

Segundo, tanto o presidente John Reed como o representante do Citibank no Brasil fizeram chegar às

autoridades brasileiras, de forma explícita, a manifestação de que a medida adotada não pode ser entendida como uma confrontação e que o banco continua receptivo a uma negociação, quando o governo brasileiro desejar.

OUTROS BANCOS

Na visão dos técnicos familiarizados com as negociações externas, nem mesmo junto aos demais bancos americanos credores do Brasil a decisão do Citibank terá maior repercussão. A razão é que esses bancos, inclusive os de grande porte, como o Manufacturers Hanover e o Bank of America, não têm condições de fazer uma provisão na forma realizada pelo Citi.

Em vista disso, o fator negativo para o Brasil, que é a repercussão no mercado, se limitará à ação do Citibank, que, dentro de mais alguns dias, será absorvida e fará parte da história das longas e difíceis negociações entre o Brasil e seus credores.